A EDUCAÇÃO PERANTE A "FÁBRICA" DE "SONHOS"

*ÁLVARO MIRANDA SANTOS**

Os meios audio-visuais constituem uma das formas recentes de criação estética. Particularmente no que à publicidade diz respeito, perspectivada na sua faceta de fonte de informação. A maior, provavelmente. A mais potente, sem dúvida. Tal como a poesia, a publicidade explode em símbolos. Talvez por isso, as seduções a nível da vista assim como do ouvido sucedem-se em catadupa, arrastam-nos quer para o nobre quer para o ignóbil; quer o que há de mais belo no humano quer para o que há de menos humano no mesmo humano; seja para promover o que há de mais profundo e válido para os humanos na sua globalidade, seja para achincalhar o que para todos constitui valor de fundo, a desenvolver, comunicando. O humor é beleza. A exploração do injurioso para a comunidade e para o cidadão é pobreza ou baixeza de engenho.

Os meios audio-visuais não passam de instrumentos de comunicação. Os objectivos de quem deles se serve é que os qualifica: de criação estética ou de descriação ignominiosa.

Nesta sequência e para reflectir adentro duma perspectiva humana e humanizante em diferença de fundo com a exploração comercial procurando apenas o lucro, por todos os meios, viria a propósito perguntar: o que procuramos nós, inovadoramente, em termos de intervenção educativa, para promover uma imagem de futuro ou para futuro, consequentemente actual, do humano em termos de educação.

Um texto de J. Guitton (1997,ed.port.) em Cartas Abertas, terá algum sentido para nós, aqui e agora? Evidentemente que não, na medida em que a expressão que emprega compreende um vocábulo que implica o futuro:

**Faculdade Psicologia e Ciências Educacionais - Univ. de Coimbra*

Doravante. Do mesmo modo, não me propunha reflectir convosco sobre o presente mas, particularmente, sobre o futuro. Aquele futuro que não é o que temos perante nós enquanto docentes e educadores. Mas o futuro do futuro, ou seja o futuro daqueles que virão depois daqueles que neste momento estão connosco a reflectir sobre as mais diversas realidades que se encontram presentes perante eles e perante nós, particularmente a realidade audio-visual e as realidades que carreiam. O texto:

«Eis chegado um momento solene da história dos homens, aquele em que aquilo a que chamávamos um «livro» vai deixar de ser o instrumento privilegiado da comunicação» (p.11).

Ao longo do percurso histórico dos humanos, passamos da coisa, directa e imediatamente percepcionada para a presença do signo, a fonte cada vez mais comum de informação a partir da alfabetização progressiva. O signo, por sua vez, em certo momento, começa em multiplicação incontrolável: Galáxia Gutenberg.

Continua o texto «não mais veremos essas linhas de signos que se interpõem entre nós e os seres». De novo o futuro, afirmado em hipótese. Ausência desses signos. O que os veio substituir? De novo, a própria coisa. Num certo momento, através do som (a rádio). Seguidamente, através da imagem em conjunto com o som, ainda predominante (a televisão). Depois os dois em equilíbrio. E a imagem a tomar a dianteira por virtude da cor. A imagem vai dominar absolutamente quando for projectada num ecrã em relevo, principalmente quando vier da Internet. No futuro. De novo, o futuro. «Doravante, não haverá mais signo. Não veremos mais essas linhas bizarras, mágicas, ocultas, irracionais que se interpõem entre mim e os seres, Doravante, todos terão a sensação perante o ecrã de estar na presença da própria coisa».(12)

Nesta caminhada, a expressão verbal foi e é aprendida. A expressão escrita foi e é aprendida. O que vai acontecer com a expressão imagética? Como em toda a expressão humana, não se encontra incluída no programa genético. Consequentemente, será aprendida. Isto quer dizer que ainda não foi e muito já é.

Papel da educação. Como sempre, ao longo dos séculos.

A Educação, para a época da imagem, como para qualquer outra época, sempre foi um sonho. Saudável, valha a verdade, também para qualquer época. Não se fala do sonho que é dito o «guardião do sono».(S. Freud) O sonho, "rêverie", aparece aqui como aquela actividade exclusivamente humana. Torna-se fácil fundamentá-lo: a ciência, a arte a e técnica assim como, principalmente, a

sua própria transformação, o que é muito mais importante ou significativo, são claramente a demonstração duma tal actividade: sonhar. O sonhar, por sua vez compreende duas actividades, distintas e complementares. No entanto, pressupõem uma terceira: a memória. Com efeito, sem a memória enquanto *selecção* de imagens, não se torna fácil à imaginação *transformar* imagens e muito menos à fantasia *fabricá-las*. A invenção, quer técnica, seja científica e particularmente, a estética é sempre uma actividade de *fantasia*, que se aproveita da actividade de transformação praticada pela *imaginação* e esta, da actividade de selecção desenvolvida pela *memória*, é realidade ou sonho que se transforma em realidade.

E aqui um primeiro problema de fundo e de grande importância deve ser convenientemente equacionado: a fábrica. Fábrica lembra produção em série. Nada de grave nem de especial. Já aconteceu assim, a partir de Gutenberg, com os caracteres móveis. E ainda a partir de Gutenberg, aconteceu a comercialização crescente e produtora de riqueza, principalmente com a «exploração» da diversidade de grupos ideológicos opostos.

Haverá características exclusivas da imagem, em confronto com os ditos signos?

Se a comercialização do livro, até ao aparecimento do mundo da imagem, repousava sobre o tema, sobre o conjunto dos problemas equacionados e discutidos a comercialização da imagem apela inevitavelmente ao sensorial, por um lado, e ao estereotipado, pelo outro, para conseguir o máximo de audiência.

E todos estão d'acordo.

A imagem audio-visual, o resto ver-se-á, constitui um apelo maciço à sensorialidade, quase impedindo um mínimo espaço para a reflexão. Com efeito, trata-se dum mundo fascinante de formas e de cores , adrede preparadas e convenientemente «montadas»; trata-se dum mundo penetrante por efeito da polarização a que obriga o telespectador; trata-se dum mundo aliciante na medida em que se apresenta sempre variado no sentido de reter presa a atenção do sujeito.

Neste contexto cumpre perguntar: o que vai acontecer aos que são habitualmente considerados os«seres reais»? Por outras palavras: a realidade tida por objectiva o que se passará com ela. Realidade dita objectiva qualquer que seja o nível a que a consideremos.

Comecemos pela mais simples e incontestável: a realidade que nos é oferecida directamente pelos nossos sentidos. Para ser directo: a realidade nascer ou pôr do sol, poderá ficar reduzida à sua simples imagem ou ao resultado duma criação estética no domínio da música ou da pintura? E aqueles nascer ou pôr do sol que aparecem com formas e cores diferentes, talvez "distorcidas" para efeito da história? E as figuras humanas todas exageradas nas feições, nos movimentos, nas intervenções?

Mais interessante se torna se realizarmos que tudo isto não passa de "ilusão", perante a afirmação da ciência experimental, segundo a qual o nascer e o pôr do sol nem sequer existem, pois tudo se passa porque a terra gira em torno do seu eixo. O nascer e o pôr do sol não existem? Evidentemente que sim. Embora apenas a nível sensorial. Esta não se encontra em contradição com o nível experimental ou científico nem o científico com o nível sensorial. Constituem actividades diferentes ou leituras diferentes para a mesma realidade.

Igualmente nem o nível sensorial nem o nível experimental se encontra em contradição com o nível metafísico do contacto com a realidade. O nível metafísico constitui uma forma de contacto com a realidade com igual valor e semelhante validade de contactar com a realidade. Continuando em astronomia: a harmonia do universo, na linguagem dos astrónomos nem constitui uma realidade sensorial nem uma realidade experimental. Nem por isso deixa de ser uma realidade.

De novo a pergunta: os tais «seres reais» em que se transformarão tendo em conta o que se passa já hoje e o que se passará amanhã com as futuras «tecnologias» que se anunciam?

Mas a pergunta mais interessante e capaz de despertar curiosidade em toda a gente disposta a reflectir é a seguinte: perante a virtualização das vivências o que é que se virá a passar com a realidade vivencial de cada humano? A pergunta pode tomar uma outra faceta: verificando-se cada vez mais e mais sofisticadas «manipulações» da realidade, criando mesmo realidades humanas em figuras que nada têm a ver com a realidade sensorial ou experimental do humano poder-se-á falar de clonagem de figuras humanas por intermédio das imagens audio-visuais?

Viria a propósito falar, a seguir aos «seres reais» ou irreais, dos tais humanos de que se fala e de que criam figuras tão pouco parecidas com os humanos: serão «reais humanos»?

- A instantaneidade das sequências fílmicas, em sucessão constante, sem a mínima possibilidade de parar, vai conduzir a quê em termos de expressividade? Torna-se difícil se não dificílimo avançar qualquer hipótese.

- A imediatidade das exigências vai significar o quê em termos de expressividade humanas? Uma tal imediatidade vai conduzir a uma inadequada percepção dos objectos e principalmente das pessoas. Desse modo se compreende, comercialmente, a renovação constante dos ídolos, a substituição permanente das vedetas, a exploração das modas, quaisquer que sejam, particularmente as do vestir, com todas as extravagâncias que por aí conhecemos. E tudo isto até à saturação da mudança. Aparecem, então, o desinteresse, o descontentamento, o tédio, assim como a insatisfação, talvez mesmo a revolta, com ou sem violência. Seguramente, duma forma ou doutra, a exploração.

- Finalmente e não menos importante e de consequências imprevisíveis no ponto de vista da saúde: será compreensível continuar a falar de criatividade?

Em suma: neste contexto todo será legítimo falar de «educação»? De que se trata afinal?

Não se tratará dum simples paradoxo? Educação sem possibilidade de a concretizar?

Educação ou vivência responsabilizante dos três níveis de actividade próprios de qualquer humano, por força do seu próprio desenvolvimento progressivo, graças à constante mais presente: a interacção.

Educação e/ou desenvolvimento, em explicitação progressiva das capacidades especificamente humanas: intelecção e decisão, ou seja, lidar com as informações e com as significações para além das características meramente sensoriais.

Educação, nunca é demais repeti-lo, é um direito e um dever, de cada um e de todos, particularmente numa actualidade-futura, para concretizar essa característica exclusivamente humana: a **educabilidade.**